



Quando a mídia sentencia antes da justiça: análise da cobertura de Veja sobre o caso Isabella Nardoni¹

Camila CUNHA²

Antônio FAUSTO NETO³

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

RESUMO

Tornar pública uma tragédia, explorar seus diferentes aspectos e gerar uma condenação prévia é uma das estratégias utilizadas pela mídia, através de diferentes processos de agendamentos que faz ao cobrir casos. O Brasil tem se destaque não apenas pela prática de crimes violentos, mas também pela elevada comoção nacional, a partir de acontecimentos de diferentes naturezas que chocam e sensibilizam a sociedade. Busca-se, nessa análise descrever os processos de agendamento utilizados pela revista Veja em sua cobertura sobre o Caso Isabella Nardoni. A pesquisa se apóia, ainda, em conceitos que envolvem noções de acontecimento e de produção do acontecimento, sensacionalismo, espetacularização da notícia, e ainda agendamento, noção central para este estudo.

PALAVRAS-CHAVE: caso Isabella Nardoni; Veja; agendamento; sensacionalismo.

INTRODUÇÃO

A cobertura da revista Veja sobre o assassinato de Isabella Nardoni, que ocorreu no dia 29 de março de 2008, segundo o julgamento judiciário a menina foi jogada do sexto andar do edifício onde seu pai morava, segundo a Justiça os autores do crime foram Alexandre Nardoni, pai da garota, e Anna Carolina Jatobá, madrasta de Isabella. Estuda-se, particularmente, as estratégias desenvolvidas pela revista para cobrir o acontecimento que, logo de imediato, assume as características de um caso, conforme o tratamento dado pelas mídias a fatos que envolvem rupturas profundas como é o caso da morte de uma criança de cinco anos. Anibal Ford em sua obra, ‘La marca la bestia’ (1999) afirma que o caso tem como definição ser uma “ruptura da normalidade” (FORD, 1999, p.252). Veja desencadeia por sucessivas edições aqui examinadas o que definiu pelo “caso Isabella”. Sua estratégia correspondeu justamente em, através de suas capas e reportagens, construir um complexo processo de agendamento, produzindo,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Recém graduada em Jornalismo (2012-2013) da UNIFRA, email: camilarochacunha@gmail.com

³ Orientador do trabalho e professor da UNIFRA, email: afaustoneto@gmail.com



antes mesmo da consolidação do julgamento por parte da Justiça, seu veredicto que se situa nas diferentes matérias analisadas nesse estudo.

O caso Isabella que, certamente entrou na história do jornalismo brasileiro, envolveu falas de muitos campos sociais como o familiar, o direito, a justiça, o policial e, de modo particular, o midiático.

1. AGENDAMENTO DA MÍDIA

O primeiro passo de uma notícia é a necessidade de existir um acontecimento e, nestas condições, este é um dos critérios de noticiabilidade. Conforme lembra Alsina (2009), a produção da notícia é um processo complexo que inicia com um acontecimento. Para conceituar acontecimento, Rebelo(2006) afirma que nem todas as ocorrências são acontecimentos. Para que seja um acontecimento, toda a ocorrência alia-se a seu potencial de atualidade e pregnância. Ser atual está relacionado com a ‘produção’ do acontecimento no nosso espaço e no nosso tempo. “A ocorrência tem mais probabilidade de ser considerada acontecimento quando nos incita a reconstruir esse nosso quadro de vida momentaneamente perturbado pela ocorrência inesperada”(REBELO,2006,p.17).

Sodré (2002) também fala da diferenciação de um fato para um acontecimento explicando:

[...] a diferença entre os fatos brutos, objetos da realidade histórica indeterminada, e o acontecimento jornalístico, que ocorre sempre depois dos fatos, isto é, quando se produz o trabalho logotécnico de determinação das circunstâncias- apuração dos detalhes, realização de entrevistas, portanto, mobilização de parcelas do público, que são também ‘atores’ do acontecimento. (SODRÉ, 2002, p.35)

Portanto, é a apuração jornalística que vai transformar um fato em um acontecimento, que ainda poderá se tornar um caso perante a mídia. É através dos ângulos mostrados pelos meios de comunicação, que irão instigar os leitores e espectadores a acompanharem o assunto e consolidá-lo como um acontecimento midiático.

A grande repercussão dos acontecimentos mostra a existência do agendamento da mídia, conceito que aqui aparece com toda significação para nosso estudo. O agendamento corresponde, basicamente, ao efeito social da mídia sobre a sociedade. Toda agenda tem por função repercutir o ponto de vista da construção do acontecimento, por parte de uma edição jornalística. Ou seja, a notícia leva uma realidade, uma versão, um lado explorado pelos jornalistas, isso faz com que as pessoas



possam adotar pontos de vistas que até então não tinham sobre determinada questão. É nesse sentido que agendar significa tematizar um problema, chamar atenção sobre o mesmo e, por fim, desenvolver a possibilidade de repercussão.

Traquina(2001) explica que o conceito do agendamento começou sendo apresentado de uma forma muito limitada por McCombs e Shaw, porém, depois de vinte anos de existência esta categoria evoluiu muito, tornando-se mais complexo e com maior poder que aquele formaludo em seu início quando os autores acreditavam de uma forma mais distinta os autores acreditaram de uma forma mais distinta, em termos teóricos.

A capacidade dos mídia em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma seu importante papel na figuração da nossa realidade social, isto é, de um pseudo-ambiente fabricado e montado quase completamente a partir do mass media (MCCOMBS E SHAW, 1977, apud TRAQUINA,2001,p.14).

Traquina(2001) afirma que os precursores da hipótese do agenda-setting acreditavam que o ambiente em que uma sociedade vive era, de certa forma, criado pela mídia, a imprensa permeando os assuntos da agenda da população ela estará fabricando seu “universo”.

Diante dos estudos sobre o agendamento, podemos constatar que as informações veiculadas pelos meios de comunicação têm importância para a sociedade, uma vez que notícias contribuem para a construção da opinião pública. A opinião pública é uma referência para as sociedades modernas. E são essas opiniões da sociedade que levaram centenas de pessoas para frente da casa dos (na época) apenas acusados do assassinato de Isabella Nardoni, é essa opinião pública que levou cartazes e pichou prédios chamando o pai da menina de assassino, antes mesmo de uma decisão da justiça, é essa opinião pública que, de alguma forma, pode ter influenciado jurados, é essa opinião pública que dá sentenças. Julgamentos esses, que são também conseqüências do trabalho massivo da mídia em explorar ao máximo um crime. O pré-julgamento da mídia, tema abordado por inúmeros autores, como Pettenucci (2009) e Magalhães (2008), pode ser considerado como um trabalho de agendamento natureza midiático. Fausto Neto (1994), em sua análise sobre o impeachment de Collor, refere-se ao pré-julgamento como um discurso antecipatório que cria sentenças.

Quando a notícia passa a ser explorada demais, tornando-se uma espécie de novela da vida real, o fato acaba entrando no âmbito da espetacularização. A notícia só irá virar um espetáculo quando ultrapassar os objetivos do jornalismo investigativo. No



final dos anos 1980, Debord (2003) chamou o espetáculo criado pelos meios de comunicação como ‘domínio da mídia’. O conceito de espetacularização, na literatura acadêmica e jornalística, passou a ser simplesmente designado como ‘excessos midiáticos’. “O espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos” (DEBORD, 2003, p.171). Outro aspecto observado por Debord (1997, p. 14), diante da ‘sociedade do espetáculo’, é o fato do autor acreditar que o espetáculo serve como um “instrumento de unificação”. Segundo o autor, o espetáculo é um objeto que compõe todo olhar e toda consciência.

Ao voltarmos para o agendamento, podemos encontrar outro conceito dentro do mesmo, o enquadramento, é ele que trabalha com ângulos a serem escolhidos de um fato. A teoria do enquadramento é uma espécie de seleção, ou seja, como a notícia é contada ao público. A imprensa apresenta à sociedade os principais acontecimentos do país e do mundo, mas cada mídia tem um diferente tipo de abordagem para um mesmo assunto. A função dos meios de comunicação de massa está sempre associada com o conceito de enquadramento. Mouillaud (1997) afirma que o enquadramento é um fragmento extraído de uma totalidade que, por si só, não pode ser compreendido. O autor reflete que a moldura é posterior ao quadro, mas o quadro procede de um enquadramento que o precedeu. O enquadramento midiático é formado através de escolhas, as escolhas criam as molduras nos acontecimentos que já foram agendados pelos jornalistas.

Através da explanação de ideias deste capítulo, podemos concluir que o agendamento mostra para uma sociedade o que ela deve pensar, qual assunto fará parte de seu cotidiano por um determinado tempo, podendo até arriscar dizer, acompanhando o pensamento de alguns estudiosos da comunicação, que o agendamento ainda mostra como pensar sobre o assunto, que conclusões tirar do fato. No próximo capítulo veremos se a revista *Veja* de fato realizou um agendamento sobre o caso Isabella Nardoni.

2. ANÁLISE

A metodologia utilizada neste capítulo será a análise de discurso, afim de descrever o ‘modo de dizer’ utilizado pela revista, denotando, possivelmente, a sua parcialidade. Como o próprio nome desta técnica indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra



discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando. No caso, a revista é uma espécie de sujeito que nos fala todas as semanas através de discursos sobre a atualidade no mundo e no país, recobrando assuntos, segundo vários expedientes de linguagens. Conforme Orlandi (1999, p. 15): “Na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

2.1 CONJUNTO 1 — O NASCIMENTO DO CASO ISABELLA

2.1.1 Veja o assassinato de Isabella pelos olhos da Veja

O caso Isabella nasce na mídia informativa semanal exatamente 11 dias após a sua ocorrência. Isto se manifesta através da edição de número 2055 da revista VEJA que foi às bancas no dia 9 de abril de 2008. Passados estes dias mencionados, esta publicação optou por trazer o assunto na capa.



A mistura de uma capa escura com a imagem de Isabella causam um contraste, deixando bem claro ser um olhar maldoso, principalmente pelas sombras utilizadas na edição da imagem. Este olhar com fragmento do corpo de Isabella — um rosto sorrindo — visto de outro ângulo, pode remeter ao olhar da própria revista, que começa a enquadrar o caso, sendo este seu primeiro passo, ainda que sutil, para preparar o leitor a uma cobertura intensa sobre o fato. Neste primeiro momento, a morte de Isabella ainda está dentro do tema “O mal”. A imagem de Isabella pequena, distante e sorrindo, é o único registro explícito da capa sobre o caso, mas, sem dúvidas, o toque decisivo para compor conceitualmente, a imagem. Ou seja, a imagem de Isabella dentro do olho já é um operador de identificação do ângulo que a revista vai dar a matéria. O agendamento



começa na capa da edição já indicada, através de uma tematização indireta do acontecimento, onde o olho que é a imagem central da capa já é alusivo ao mal sofrido por Isabella.

2.1.2 Iniciam os adjetivos

Na reportagem que aparece na sequência, o título ‘O anjo e o monstro’ (VEJA, 2055,pg. 97) é genérico e não aponta um fato, destacando como sua ambiguidade ou generalidade. Através da manchete com dois adjetivos, a revista mostra sua posição opinativa. O título evoca uma imagem religiosa, na qual o anjo é algo celestial e o monstro vem das trevas. A imagem que aparece acima do título (Figura 4), é uma fotografia de Isabella sentada em uma sacada e, novamente, sorrindo. A imagem deixa bem claro um cenário de classe média. Chama atenção o fato de ser uma fotografia tirada em algum ambiente familiar, e também o fato do detalhe de Isabella estar numa situação de pose. Para quem ela posa? Talvez para os leitores que guardariam com ela o status social de classe média. Possivelmente, esse aspecto desenvolvido pelo agendamento visa comover os leitores desse segmento dizendo que aquela menina poderia ser a filha de qualquer um deles.



Em outras fotografias, figura abaixo, ainda da edição de número 2055, uma construção diagramática reúne duas fotos dos acusados, mesmo sendo tiradas individualmente, elas aparecem unidas para reiterar a ideia de uma dupla de cúmplices.



O que mais a atenção na foto de Anna Jatobá é o seu olhar, um olhar distante e sem nenhuma expressão, nem dador, arrependimento, medo, ou qualquer tipo de sentimento. A fotografia mostra total indiferença de Anna no momento em que foi fotografada ao ser presa. Outro elemento que deve ser destacado é um pano enrolado nas mãos da mulher, o que provavelmente era para esconder as algemas que a ré utilizava naquele momento. A revista certamente tinha várias fotografias deste momento da prisão do casal, mas escolheu publicar a foto em que os acusados pareciam extremamente indiferentes com o acontecimento. A ligação entre as imagens e o título é evidente, o anjo seria Isabella, e o pai e a madrasta, os monstros. Nesta situação, podemos levantar duas questões, uma delas é que antes do julgamento — da justiça — Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá não podem (ainda) ser considerados como autores do crime e, ainda que tivessem sido condenados através de um júri, fugiria da ética do discurso adjetivar alguém como monstro, mesmo sendo ele um assassino extremamente cruel que tenha cometido atrocidades.

2.1.3 Veja instiga a sede por seu ‘modelo de justiça’

O título da reportagem desta edição, figura abaixo, é uma montagem que se faz da seguinte maneira: a cor branca do fundo da página em contraste com o preto que aparece de fundo das letras do título dá um efeito de um papel rasgado, fazendo uma ligação com a tela de proteção que foi cortada antes de Isabella ser arremessada do sexto andar do prédio onde seu pai morava. A linguagem sensacionalista não mede esforços para chocar, pois, quanto mais impacto causar, melhor. A montagem remete o leitor à cena do crime.





Em contraste com a manchete escura e editada, a edição 2056 apresenta uma fotografia de Isabella (imagem abaixo)



A fotografia de Isabella visivelmente com um brilho no olhar e com seu sorriso, que já é marca registrada, é um foto-poster. A revista optou em colocar menos conteúdo na reportagem para dar espaço a uma grande fotografia da menina assassinada aos cinco anos de idade. Ao fazer essa opção, Veja não chama só atenção dos olhares do leitor, mas também que afetar o coração dele. A fotografia, ocupando toda a página, fica próxima ao tamanho real de um rosto e funciona como se o leitor pudesse tocar na menina. A fotografia mostra Isabella com os cabelos molhados e as alças indicam que ela estaria utilizando trajes de banho, o leitor irá associar com qualquer criança que lhe seja próxima após um dia feliz de brincadeiras na praia ou na piscina.

A segunda imagem abaixo destaca o momento em que Anna Carolina Jatobá estava sendo solta, devido à aceitação do pedido de Habeas Corpus. Nesta fotografia de Anna Jatobá o ângulo escolhido pelo fotógrafo, produziu uma distorção da imagem. Na fotografia, Anna Carolina Jatobá ficou com uma das mãos muito maior que o normal, fazendo com que o leitor fique a imaginar a relação desta mão com a mão que realizou a esganadura em Isabella. A imagem que Anna Jatobá tem a ‘mão distorcida’ está na direção do pescoço de Isabella, que aparece na fotografia da esquerda da página (imagem a cima).



3.2 CONJUNTO 2 — O PRÉ-JULGAMENTO

2.1.1 Veja dá seu veredicto

Na capa da edição de número 2057, que foi às bancas no dia 23 de abril de 2008, *Veja* apresenta o caso Isabella como o tema principal de sua edição capa (Figura 9). A imagem, novamente é escura, mas mostra o pai e a madrasta de Isabella, em uma fotografia tirada do interior do carro da polícia, em close de seus rostos no momento em que foram presos preventivamente. A sombra preta sobre suas cabeças lembra capuzes utilizados por bandidos.



A matéria, que está na Editoria Especial da edição de número 2057, e tem o título de “Frios e dissimulados”, explicitamente é um enunciado que está sendo atribuído aos acusados. As fotografias escolhidas pela revista novamente mostram Alexandre e Anna Jatobá com olhares sem expressões, enquanto Isabella, em contraste, sempre está sorrindo. Esta construção induz mais ainda a culpa do casal. Estes olhares não se cruzam e, mesmo Isabella estando no meio da montagem (imagem abaixo), as fotografias indicam que Alexandre e Anna não estão ligados com a menina. E, neste caso, Isabella é a única que encara o leitor.



A articulação entre as imagens do rosto e dos corpos dos três, esta mostrada em forma de desenho, faz-nos lembrar as resoluções gráficas das histórias em quadrinhos, com direito até a madrasta má. O desenho é uma prévia do que vem pela frente, quando começam os ‘passo a passo’ transformando o crime em uma verdadeira história em

quadrinhos. Na terceira página da edição 2057, começam as ilustrações, que são intituladas como ‘O crime passo a passo’, mostrando a descrição detalhada da ocorrência do crime e das suas evidências. Veja parece estar permanentemente querendo provar que ‘contra fatos não há argumentos’ sendo que, no caso, esses fatos e versões são construídos pela própria revista. Mas é importante lembrar que esta sendo falado de evidências e indícios e não provas. Nas imagens desses quadrinhos Alexandre, o pai de Isabella, aparece sempre com expressões que remetem ao vilão da historinha, exceto em algumas ilustrações que seu rosto aparece sem feições, remetendo a ausência de sentimentos.

Nesta mesma edição a revista também utiliza uma fotografia da mãe de Isabella em uma montagem ao lado de uma foto de Isabella sorridente. Nesta fotografia, Veja agenda o caso Isabella passando por cima e utilizando da dor de uma mãe que perdeu sua filha, quando o choro de uma mãe estampa revistas e jornais o sensacionalismo impera e o a banalização do sofrimento passa por cima dos limites éticos para vender mais.

2.2.2 Os réus da mídia

Na edição de número 2060, publicada no dia 14 de maio de 2008, o caso ocupa uma página na seção Polícia. O título da matéria faz a seguinte afirmação: “Agora, eles são réus”, evidenciando que, só agora, o casal passou a ser de fato acusados perante a justiça.



Pela primeira vez a fotografia mostra expressões diferentes de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, dessa vez Alexandre não tem mais aquele olhar distante e frio, agora o pai de Isabella aparece com uma expressão de surpresa, medo, um semblante de tensão. Ao escolher essa imagem Veja sugere através do deslocamento do foco da foto, que a máscara de Alexandre está caindo, como se todo aquele equilíbrio e indiferença mostradas nas fotografias anteriores, tivesse ‘fugido’, como se seu autocontrole tivesse ido embora no momento em que foi preso. Na fotografia de Anna

Carolina ela aparece escabelada, com roupas largas e sendo segurada provavelmente por um polícia, a interpretação é a mesma, a imagem mostra que a madrasta de Isabella perdeu o controle e o olhar distante. Novamente as mãos de Anna chamam a atenção, presas por algemas em posição circular, remetem a esganadura que Isabella foi submetida antes de ter sido jogada pela janela.

2.2.3 Veja reacende o caso Isabella

Não bastasse estarem presos, Veja tenta chamar atenção do leitor com a vida que os réus levam dentro da prisão.



A capa é construída em tons vivos, utilizando vermelho que remete a emoções. A revista pela primeira vez traz os acusados encarando o leitor, em uma posição confessa, para que assim sendo vistos, possamos interpelá-los. Apesar disso o olhar de Alexandre continua mostrando segurança e frieza, seguindo uma certa postura de indiferença. O fato de Anna estar na frente mostra que a revista pode estar insinuando a hierarquia de culpas. Num outro plano, e apresentando um contraste, Isabella aparece sempre sorrindo, como um operador de lembrança e como cenário de fundo para o casal. Ao falar sobre a boa vida dos acusados presos Veja faz um agendamento desqualificante, querendo dizer que apesar de assassinos, eles levam uma boa vida na prisão; utilizando o adjetivo boa dentro de parênteses, fica explícito o desdém por parte da revista.

2.3 CONJUNTO 3 — A AUTOAFIRMAÇÃO DE VEJA

3.3.1 ‘Isabella não continua mais a morrer’

Desta vez, a condenação veio por parte da justiça. Veja apresenta em sua edição de número 2158, publicada no dia 31 de março de 2010, uma reportagem sobre o

juízo e a condenação do casal Nardoni. A capa (figura abaixo) da revista é ocupada somente pelo caso.



Nesta capa, há uma inversão dos planos, Isabella que sempre aparecia de fundo agora aparece em primeiro plano, numa espécie de lugar especial, e quem aparece como fundo da montagem é seu pai e sua madrasta. A capa é construída em cima de tons de azul, dando mais leveza em comparação as capas anteriores sobre o caso. No título Veja é informativa ao dizer “Condenados!” porém a frase logo abaixo do título já é de opinião da revista, “agora, Isabella pode descansar em paz”. Frase essa que pode ser uma resposta ao título de outra matéria publicada na edição de número 2056 onde dizia que “Isabella continua a morrer”. Veja extrapola no sensacionalismo ao mostrar uma fotografia da lápide de Isabella (figura abaixo).



Fotografias como essa costumam ser utilizadas na cobertura da morte de pessoas famosas e reconhecidas pela sociedade. Isabella foi transformada em uma ‘celebridade póstuma’ devido à maneira com que foi assassinada, tornando-se como um mártir nacional. E seu pai e sua madrasta transformados em celebridades do mal. Depois de transformar a morte da menina em um espetáculo, a condenação de seus assassinos foi reportada como um grande show orquestrado pelo processo de agendamento este que existiu do início ao fim da cobertura da revista.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura da revista *Veja* sobre o caso Isabella Nardoni é apenas um exemplo de como a mídia elege casos e os transforma em ‘novelas da vida real’, banalizando dor e transformando uma tragédia em espetáculo. Transformar um assassinato em um “show” passa por cima dos limites éticos jornalísticos e humanos.. Através do capítulo de análises ,segundo o exame de várias capas e dos textos nelas inseridos podemos constatar que *Veja* realizou o papel de mídia justiceira, agendando o caso.

O agendamento pode ser evidenciado dentre outras, nas seguintes características da cobertura: *Veja* explorou esteticamente o caso utilizando cores marcantes e diferenciadas para envolver as imagens de Isabella. Envolver as imagens de Isabella, Alexandre Nardoni (pai) e Anna Jatobá (madrasta). As imagens do pai e a madrasta ganharam contornos e sombras escuras, simbolizando algo obscuro, já as de Isabella apareciam sempre em fotografias com cores discretas e suaves. Na falta de imagens que pudessem de fato provar a autenticidade de algumas informações sobre o assassinato, a revista recriou cenas e reconstituiu o crime por diversas vezes através de ilustrações, desenhos que mostravam expressões caricatas e que remetiam o pai e a madrasta de Isabella a vilões, como aqueles típicos personagens de histórias em quadrinhos, dentre outras narrativas. As simulações do crime são de autoria da própria *Veja*, indicando que a revista fez sua investigação independente, contando o caso de acordo com especulações. Para que essa investigação, a sua maneira, fosse realizada por diversas vezes *Veja* realizou operações de agendamento indireto, escorando-se em afirmações de terceiros — ou geralmente, as fontes — para agendar o caso e dar credibilidade a suas afirmações; porém raramente essas fontes foram divulgadas, gerando dúvidas sobre a veracidade das informações. A publicação semanal abusou do recurso de proximidade com o leitor, exibindo fotografias de Isabella que ocupavam a página inteira, praticamente do tamanho real do rosto da menina. As imagens foram decisivas para que *Veja* criasse este processo condenatório do casal Nardoni antes do parecer policial e da Justiça, repetindo por mais de cinco vezes imagens dos acusados com olhares envolvidos em ambiência de suspeita e de culpa. Tais escolhas dessas imagens caracterizaram o agendamento.

Concluindo, agora lembramos de reflexões de Guy Debord (2003) sobre os mecanismos de espetacularização desenvolvidos pelas mídias, o autor afirma que sociedade que vivemos é a “Sociedade do Espetáculo”. Somos instigados e criamos um fascínio por dramas, o que pode ser uma forma de cada um ao se deparar com crimes



chocantes com o caso Isabella, pensar que sempre existem problemas maiores que os nossos. Ao compararmos dores e sofrimentos, nos consolamos. A morte da menina de classe média e dona de um cativante sorriso virou uma demanda pública. Milhares de populares cantavam em coro a sonora palavra: “assassinos, assassinos” em frente ao fórum e a casa dos acusados, delegacias foram transformadas em sets de filmagens, programas de televisão transformaram Isabella em sua única e principal pauta por mais de dois meses. Infelizmente, o país é repleto de Isabellas que são assassinadas por seus parentes em todos os cantos do Brasil, todos os dias, mas felizmente nem todas viram protagonistas de `novelas` criadas ou coberturas deste estilo realizada pela Veja. Coberturas nos moldes da realizada pela revista Veja, depositam em suas matérias e capas cargas sentimentais, pois isso irá manter o público cativo, comovido com o assunto, aí então esses meios de comunicação farão com que o tempo de “vida útil” de um acontecimento seja prolongado, conseqüentemente explorando ainda mais o caso e vendendo ainda mais exemplares. Estratégias como estas de explorar ao máximo um fato, essa sede por alimentar compulsivamente seus leitores com informações, acaba fazendo com que a mídia ande na frente da polícia, gerando assim o atropelamento da presunção da inocência. Este “atropelamento” gera agendamento, prática que podemos concluir neste artigo que foi utilizado pela revista Veja, conforme aqui descrevemos.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. R. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Editora Contraponto, 2003
- FAUSTO NETO, Antonio. **O impeachment da televisão: como se cassa um presidente**. Riode Janeiro: Diadorim, 1994.
- FORD, Anibal. **La marca de la bestia-** Identificación, desigualdades e infoentretenimento em la sociedad contemporânea. Buenos Aires, Editora Norma, 1999.
- MAGALHÃES, Luiz Antônio. **O caso Isabella Nardoni é uma nova Escola de Base?** 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o-caso-isabellanardoni-e-uma-nova-escola-base>>. Acesso em: 5 de outubro de 2011
- MOUILLAUD, Maurice. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: nos movimentos dos sentidos**. . 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.



PETTENUCCI, Tiago da Costa. **Processos de produção jornalística: cobertura do caso Isabella Nardoni.** 2009. Disponível em: <<http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/5459FB6D441D9F0FC262B7DF31AED340.pdf>>. Acesso em: 18 de setembro de 2012

REBELO, José. **“Prolegômenos à narrativa mediática do acontecimento”**. Revista

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2001. v. 1.